

PRESIDÊNCIA

Sarney considera que melhorou a imagem do Brasil no exterior

discurso

Estamos vencendo a crise e a vitória é de todos nós", disse o presidente José Sarney, em seu programa "Conversa ao Pé do Rádio", transmitido em cadeia de rádio, na última sexta-feira. Sarney, que fez também um retrospecto de sua participação na Sessão de Desarmamento, na Organização das Nações Unidas, dia 7, nos Estados Unidos disse que a imagem do País, hoje, é de "otimismo e aspecto extraordinário em vários setores, em quase todos os setores, que o distingue, hoje, como um dos melhores países e com as melhores oportunidades do mundo inteiro".

Segundo o presidente, esses aspectos são percebidos mais claramente "quando se viaja". Por isso, pediu Sarney, é necessário "acabar com esse clima de pessimismo e que agora a gente vê com maior nitidez. O nosso clima interno é um clima de crescimento, é um clima de entendimento, um clima de reencontro com a sua trajetória histórica".

Sarney defendeu, no programa, "uma diplomacia pessoal agressiva", porque é preciso "uma diplomacia pessoal que possa resolver dificuldades, que possa, ao mesmo tempo, criar novas e amplas áreas de cooperação, de entendimento e de amizade entre os povos". O presidente está convencido que o "Brasil tem que assumir a sua dimensão mundial, o Brasil não pode ficar sofrendo o pecado da omissão".

O presidente explicou aos ouvintes que, além de falar sobre a importância do desarmamento entre os povos, disse, também, que durante seu discurso na ONU chamou a atenção para: "a necessidade de desarmar a explosão social incontrolável", geradora de fome, da injustiça e outros males mundiais.

Eis a íntegra do pronunciamento de Sarney:

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

correspondem absolutamente à sua realidade. E preciso que o presidente da República desenvolva sim, não só uma política interna, mas uma política externa capaz de mostrar a realidade do nosso País, esse grande País que nós amamos. Nenhum país pode progredir se não for amado pelos seus filhos. Onde eu tenho andado, os resultados dessa ação de presença do governo do Brasil têm sido excepcionais. Essas viagens são trabalhosas, são cansativas, mas elas são extremamente necessárias.

Nossa política externa, a projeção do Brasil, está ganhando nova dimensão. Repito, que nas conversações que temos tido com chefes de Estado do mundo inteiro, temos procurado colocar nos devidos lugares essas imagens que não correspondem com a realidade do Brasil. O mundo de hoje é um mundo em que ninguém pode viver mais isolado. Nenhum país pode ser uma autarquia. O mundo é, portanto, cada vez menor, e a gente quando conversa sobre as dificuldades de todos aqueles que têm a responsabilidade de governar, sente que os problemas quase que são os mesmos. E são necessários tomadas de posição que possam enfrentar conjuntamente esses problemas. A um nível mundial, a um nível continental e a um nível de relações bilaterais, é preciso uma diplomacia pessoal agressiva, é preciso uma diplomacia pessoal que possa resolver dificuldades, que possa ao mesmo tempo criar novas e amplas áreas de cooperação, de entendimento e de amizade entre os povos.

O Brasil é um grande país. Ele tem um lugar reservado no mundo, para ocupar um grande espaço. E nós temos que trabalhar pela ocupação desse espaço. Os presidentes, cada vez mais no mundo inteiro, se reúnem. Nos organismos internacionais se debatem questões importantes e conjuntas e o Brasil não pode deixar de estar presente. O Brasil tem que assumir a sua dimensão mundial, o Brasil não pode ficar sofrendo o pecado da omissão. Portanto, eu quero dizer às brasileiras e brasileiros, que eu tenho uma preocupação muito grande pela política externa. No Brasil, nós não costumamos muito a visualizar a política externa como setor importante do nosso desenvolvimento interno. Mas eu tenho essa visão e tenho procurado assumir essa posição. E vou cada vez mais procurar colocar o Brasil internacionalmente na posição e no espaço que ele tem que fi-

Aqui vos fala o presidente José Sarney, nesta "Conversa ao Pé do Rádio", como sempre faço às sextas-feiras, hoje dia dez de junho de 1988. Ontem, às duas horas da madrugada, eu voltava de Nova York. Como vocês sabem, eu estive na sede das Nações Unidas para levar a palavra do Brasil à sessão da Conferência de Desarmamento que está reunida. A sede das Nações Unidas é o grande foro de discussões dos problemas mundiais. Foi uma oportunidade do Brasil, com a sua importância, seu peso como grande nação, dizer através do seu presidente, o que pensa e sente a respeito de assunto tão grave, quanto às armas e as guerras neste momento da história em que o poderio das nações detentoras de armas nucleares pode pôr em risco a vida da humanidade, pode acabar com a vida do planeta. Lá, encontramos com os chefes de governo e chefe de Estado de mais de vinte nações. Pelo que recolhi, a participação do Brasil foi altamente positiva, através de uma palavra clara, de uma definição que expressa o sentimento do nosso povo, que é um sentimento de paz, um sentimento que procura resolver as questões através do diálogo, do consenso, das soluções negociadas.

Lembrei, como exemplo único na história das nações, que a Argentina e o Brasil, desarmando os espíritos, trocam hoje informações sobre as pesquisas nucleares que vêm realizando. Fizemos convênios de cooperação para transformar o nosso trabalho, num trabalho de átomos para paz. Todos estamos lembrados de que o presidente Raúl Alfonsín, me convidou, e levei comigo cientistas brasileiros, para visitar os laboratórios de pesquisa atômica nas encostas dos Andes, em Picanegü. E pouco tempo depois, em retribuição, eu convidei o presidente da Argentina, a visitar o Centro de Pesquisas Nucleares e a inaugurar as nossas novas instalações de enriquecimento de urânio em Iperó e Aramar, em São Paulo. Estes gestos, embora simbólicos, constituem uma atitude inédita no mundo com repercussões muito positivas. Nunca na história, um Estado abriu a outro as portas de centros importantes e sensíveis de pesquisas com espírito tão desarmado e tão confiante. Argentina e Brasil deram um exemplo de que nós devemos orgulhar.

Mas, eu tive a oportunidade de também ressaltar que os arsenais que o presidente Reagan e o secretário-geral Gorbachev começaram a desarmar no Hemisfério Norte, não devem ficar apenas na área das armas nucleares. Chamei a atenção para a necessidade de desarmar a explosão social incontrolável. Estes arsenais que não são vistos, mas que existem, perigosíssimos geradores de fome, dos desequilíbrios de renda, da injustiça, da dívida externa e tantos outros que afligem a vida da humanidade. Durante a minha viagem, eu conversei com muitos chefes de Estado e de governo e discuti assuntos de interesse de nossas pátrias, assim como da humanidade como um todo.

Nós devemos analisar que o Brasil, nestes últimos anos, foi agredido com uma série de informações no exterior que não

car. Finalmente, eu quero dar uma palavra sobre os nossos problemas internos. Quero dizer que, quando a gente sai e vê o Brasil de longe, é que a gente sente o grande país que nós somos. Em primeiro lugar, eu estive nos Estados Unidos há dois anos: a imagem do Brasil melhorou muito nesses últimos meses. Uma imagem hoje diferente de um país que está procurando lutar para reencontrar o seu caminho, inserir-se no contexto mundial, vencendo as suas perplexidades, resolvendo o seu problema da dívida externa, terminando a sua Constituinte com as definições institucionais que nós temos; enfim, nós sentimos que a imagem do Brasil é a imagem de um país que conseguiu atravessar a transição num período de paz, num período de concórdia e com um grande exemplo democrático, um grande exemplo do espírito do nosso povo, de entendimento e de diálogo.

E os nossos índices internos estão mostrando que nós estamos melhorando. E é preciso acabar com essa paranóia que tivemos de algum tempo de só darmos notícias ruins, só darmos notícias más, só darmos notícias pessimistas. Não é isso. O Brasil tem uma imagem e aspectos de otimismo, um aspecto extraordinário em vários setores, em quase todos os setores, que o distingue hoje como um dos melhores países e com as melhores oportunidades do mundo inteiro. A gente vê isso com muita clareza quando se viaja. Portanto, vamos acabar com esse clima de pessimismo e que agora a gente vê com maior nitidez. O nosso clima interno é um clima de crescimento, é um clima de entendimento, é um clima de reencontro com a sua trajetória histórica. Na verdade, vivemos um tempo de tranquilidade histórica. Na verdade, vivemos um tempo de tranquilidade e estamos vencendo aquilo que os pessimistas chamam de crise. Estamos vencendo e a vitória é de todos nós. Muito obrigado e bom dia a todas as brasileiras e brasileiros que nos ouvem.